



## COMO APROXIMAR O PROFESSOR DO ALUNO PARA ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DO PROEJA

**Roberto Baron <sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Linguagem; Especialista na Educação de Jovens e Adultos; Especialista em Metodologia da Educação à Distância; Graduado em Letras; Professor de Língua Portuguesa; [robeba@terra.com.br](mailto:robeba@terra.com.br); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3899753676229431>

**EIXO TEMÁTICO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

### RESUMO

O relato de experiência “**Como aproximar o professor do aluno para ensinar língua portuguesa nos cursos do Proeja**”, é o artigo do trabalho de conclusão do curso de “Especialização a Distância em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)”, Instituto Federal Catarinense, campus de Camboriú, SC. Apresenta, na introdução, uma relação de leituras com a contextualização da pesquisa bibliográfica e de participante e justifica a necessidade de aproximação entre o professor e os alunos como forma de fazer com que o aluno perceba a confiança e o poder que poderá obter ao estudar língua portuguesa. Descreve a participação do pesquisador na educação. Exemplifica aulas de língua portuguesa que aproximam o professor e aluno. Mostra resultados da pesquisa sobre formas de estudar e utilizar as tecnologias feita no primeiro semestre de 2015 com os estudantes do Proeja e Curso Técnico em Segurança do Trabalho da mesma escola. Na conclusão exemplificacaracterísticas que aproximam o professor de língua portuguesa dos alunos e que podem orientarprofessores e instituições a prevenir a evasão, criar as condições para a permanência dos alunos e atrair jovens e adultos a retomar estudos.

**Palavras-chave:** relação professor e aluno do eja e proeja; aproximação entre professor e aluno do eja e proeja; ensino de língua portuguesa para eja e proeja; tecnologias em poder do aluno eja e proeja



## **Introdução**

O relato de experiência “**Como aproximar o professor do aluno para ensinar língua portuguesa nos cursos do Proeja**”, mostra partes do artigo produzido a partir de pesquisa bibliográfica e participante para o trabalho de conclusão do curso de "Especialização a Distância em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)", Instituto Federal Catarinense, campus de Camboriú, SC. Relata e registra a participação dos alunos em eventos empíricos, que são parte das minhas práticas didáticas durante as aulas de língua portuguesa. Estas práticas são o resultado de uma reflexão que é inspirada em leituras, interpretações de estudos científicos desenvolvidos por pesquisadores e estudiosos como Paulo Freire, Roxane Rojo, Maria Antonieta Alba Celani, Michel Pêxeux, Michel Foucault, João Wanderley Geraldi e Eni Orlandi, entre outros. Os eventos aconteceram em aulas de língua portuguesa durante os primeiros semestres de 2014 e 2015. Em 2014, nas aulas ministradas para cursos do Pronatec, oferecidas pelo Instituto Federal Catarinense do Campus de Brusque nas cidades de Brusque e Guabiruba, SC. Em 2015, nas aulas de língua portuguesa ministradas para o Proeja e de Processos de Comunicação I para o curso Técnico em Segurança do Trabalho.

Compartilhar e fundamentar essas práticas escolares parte da percepção de que os eventos escolares, como as avaliações, a distância entre o saber do aluno e o saber curricular, enfim o letramento dominante, mesmo com as inúmeras ações positivas de inclusão adotadas a partir da constituição cidadã de 1988 e priorizadas a partir das metas do Plano Nacional de Educação 2014/2024, ainda exclui muitas pessoas do processo de escolarização regular. Sendo a linguagem o processo de aproximação entre escola e sociedade, percebo a necessidade de encontrar eventos e práticas que possam superar e evitar a repetição de práticas de exclusão na Educação de Jovens e Adultos e nos cursos profissionalizantes, Eja/Proeja e de programas como o Pronatec, durante as aulas de língua portuguesa.

### **A contextualização da história de vida do pesquisador**

A prática de expor minha própria história de vida aos alunos pode criar empatia e mostra que o professor já passou por dificuldades semelhantes e com isso



aumenta a confiança dos alunos neste professor. Segue abaixo um pouco da minha história de vida que costumo apresentar no início do ano ou quando costumo ter o primeiro contato com as novas turmas. Expor minha história de vida também incentiva a que cada um dos alunos tenha motivação e coragem de expor a sua, proporcionando a aprendizagem de vida e o compartilhamento criando afinidades entre os alunos. Posso ensinar tipos e gêneros textuais, escritos, orais, gestuais, imagéticos ou digitais.

Meus primeiros dias de escola, em 1964, eram cheios de incertezas, dúvidas e medos. Em casa, havia um discurso de que era obrigatório ir para a escola, pois do contrário não seria gente no futuro. Na escola, os novos e os colegas conhecidos, como era tímido e não sabia falar bem o português, zoavam de mim. Na escola, também existiam os professores, cuja fama repassada pelos colegas mais velhos que já frequentavam a escola, era de pessoas altamente rígidas e que castigavam e humilhavam os alunos quando estes não os obedeciam ou não entendiam direito as explicações e os ensinamentos.

Nos primeiros dias, o meu caminho para a escola era uma verdadeira tortura. Tinha que ir a pé. O medo me fazia andar 100 metros, retornava 50, andava mais alguns metros, ficava parado virado para o lado da estrada de terra, sem saber se voltava para casa ou se seguia em direção da escola. Foram muitas manhãs desse jeito. Chegava a chorar durante esta caminhada de menos de 700 metros.

Meu drama diminuiu quando, num belo dia, durante um jogo de bolinha de gude, um dos professores, sem avisar, recolheu todas as nossas bolinhas e eu, numa reação impensada de defesa, levantei a mão para bater no rosto do professor. Este professor me pegou pelo braço e pediu educadamente para que o acompanhasse até a sala de aula principal. Os colegas, em coro, gritavam: castigo, castigo...! Chorando, obedeci a solicitação do professor e para minha surpresa, após entrar na sala de aula, sentindo um enorme medo, o professor pediu que sentasse na primeira mesa e, após falar que não se deve levantar a mão para pessoas mais velhas, para pais e professores, pediu desculpas e admitiu que não poderia ter recolhido nossas bolas de gude. O alívio que senti naquele momento foi tamanho que quase pulei de alegria, pois as palavras do professor me inspiraram um sentimento que não sei descrever direito ainda hoje. Mas nasceu ali um pequeno desejo de um dia ser um professor que pudesse ensinar outras pessoas sem castigar e seguir o exemplo do professor João.



Minha vontade de ir para a escola aumentou, as amizades foram mudando e melhorando, passei a levar carambolas para aula para trocar por bolinhas de gude ou por dinheiro. Contraí malária e o homem, de farda amarela, que trazia os remédios, vinha toda quinta de manhã. Era um comprimido amargo, mas que trazia a certeza de que não iria morrer por causa da doença.

Meu comportamento era considerado como exemplo pelos professores e minhas notas eram boas.

Quando cheguei ao ensino médio, novas decepções. Como não existiam escolas públicas ou gratuitas, tive que trabalhar numa fábrica de tecido das 07:00 da manhã até as 05:00 da tarde, estar na escola às 17:30, sem comer, sem poder tomar banho. Sem contar que tinha que andar 12 quilômetros de bicicleta para ir ao trabalho e mais 10 para voltar para casa após a aula. O salário era suficiente para pagar a mensalidade do ensino médio. Diariamente saía de casa às 6 da manhã e chegava em casa, depois das aulas, somente por volta das 23 horas.

Estudar sempre foi uma esperança para mim. Meu pai e minha mãe, dentro de seus limites e suas condições de vida, sempre fizeram com que eu e meus irmãos entendêssemos a importância e o valor do estudo. Custasse o que custasse.

Mas chegou um momento em que cansei. Após iniciar o curso de ciências da computação na UFSC em 1978, após ser aprovado com boa classificação em vários concursos públicos e privados, fui chamado para trabalhar na Caixa. A promessa era de que, após seis meses, teria oportunidade para solicitar transferência para a minha cidade e continuar os estudos. Só que, na época, o trabalho no banco invadia a noite, alguns dias o trabalho se estendia até as 22 horas, e o curso de Processamento de Dados, agora na FURB de Blumenau, teve que ser interrompido. Então casei, tive filhos e continuar a estudar foi um sonho adiado. Até que, em 1996, com as constantes ameaças de privatização das empresas públicas, com a informatização de parte do atendimento da Caixa e com a redução da jornada de trabalho para 6 horas diárias, reascendeu a chama de ser um professor. O curso de letras foi tomando forma e, em 2000, finalizei o curso. Após um ano de descanso, pois não é fácil trabalhar e estudar, em março de 2002, acabei aprovado no concurso para professor de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa do Estado de Santa Catarina.



Meu entusiasmo fez com que, até 2008, continuasse a trabalhar na Caixa, lecionava à noite, participava da minha família e ainda, nos finais de semana, pude estudar em dois cursos de especialização, um deles foi sobre a Metodologia da Educação à Distância e à distância. Fui desde então buscando por conhecimentos e metodologias na área de EAD.

Por ironia talvez, em 2010, solicitei exoneração do cargo de Professor do Estado para fazer o Mestrado em Ciências da Linguagem e acompanhar minha filha mais nova nos preparativos para o vestibular.

Como até então só tinha lecionado para o Ensino Médio, em 2012, surgiu a oportunidade para trabalhar com jovens e adultos, Ensino Médio e Ensino Fundamental, no CEJA de Brusque.

Esta procura por novos projetos e experiências me aproximou do Instituto Federal Catarinense através do curso "Especialização a Distância em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)". Atuar profissionalmente através de aulas de Língua Portuguesa para cursos do Pronatec foi o meu contato com a educação de jovens e adultos através do IFC de Brusque, antes de assumir aulas de língua portuguesa no IFC campus de Camboriú, em parte das turmas do segundo ano do ensino técnico integrado ao ensino médio, no PROEJA e curso técnico concomitante no início de 2015.

O que mais me intriga nesta minha estrada que estou percorrendo como educador, tanto como aluno, como pai, como colega, como professor e como pesquisador é o sistema de avaliação e a forma de representação de seus resultados. Para aprofundar pesquisas, estou buscando espaço num curso de doutorado na área de Educação, Análise do Discurso ou Linguística a fim de conhecer os processos de avaliação em profundidade, analisar seu alcance e efeito social e pesquisar por novos caminhos para a avaliação escolar, em que a avaliação possa ser um instrumento de motivação e acesso aos sonhos do estudante, tanto profissionais como na pesquisa.

Agora, cinquenta anos depois, não sou mais um menino, mas saio de casa sem medo. Vou com uma vontade grande de estudar, ou melhor, acesso na internet o AVA do curso e procuro estudar, trocar informações e ideias com meus colegas. Vou até os locais das aulas, que no caso do IFC de Brusque eram numa sala cedida por uma igreja, pela prefeitura de Guabiruba e por uma escola estadual.



Pesquisa quase que diariamente por novas oportunidades. Espero contribuir para que ninguém mais tenha medo de sair de casa para estudar, fisicamente ou através de um computador ou meio eletrônico.

Seguem exemplos de eventos e procedimentos de ensino e aprendizagem que fazem parte de minhas práticas didáticas, especialmente para alunos dos cursos do Proeja e Profissionalizantes, e que na minha forma de interpretar, aproximam o professor de língua portuguesa de seu aluno.

### **Práticas, eventos, atitudes e procedimentos de aproximação do aluno.**

Não representam verdades ou situações que resolvem definitivamente os problemas, mas sugestões que podem e devem ser adaptadas ao contexto e às situações em que surgem de forma peculiar em cada contato entre professores e estudantes. Separo as sugestões em situações de relacionamento, de ensino e aprendizagem de conteúdo, na tarefa de desfazer mitos e da interpretação de notícias veiculadas na imprensa.

### **Situações de relacionamento: o aperto de mão que aproxima**

Entendo como situações de relacionamento o contato que se estabelece com o estudante no cotidiano da sala de aula e até fora dela. É possível incluir aqui procedimentos, ou melhor, atitudes, como um simples cumprimento individual a cada estudante no início da aula. Criar condições durante a aula para um momento para ouvir cada estudante em particular, um atendimento individual. Conhecer este estudante por meio de uma atividade de escrita ou de avaliação. Possibilita atitudes para compartilhar uma situação problema muitas vezes pessoal deste estudante e encontrar soluções na sala de aula mesmo.

Percebo que entre estas atitudes está a sabedoria de ser flexível, mostrar oportunidades e exigir o comprometimento do aluno com os estudos. A seguir exemplifico atitudes que já pude experienciar nas salas de aula como: a atitude de receber o estudante que faltou em aula anterior com uma oportunidade para buscar, rever ou recuperar os conhecimentos; em fazer com que cada estudante possa perceber o seu valor como ser humano independentemente das diferenças sociais, religiosas, econômicas, políticas e históricas; em fazer com que cada estudante sinta condições de



lançar um olhar diferenciado sobre situações altamente complicadas e, com isso, perceber as oportunidades que dali possam surgir.

Estas atitudes podem também interferir nas relações institucionais, tanto da parte do professor como da parte dos estudantes, minimizando dificuldades burocráticas e de legislação, por exemplo. Mas, enfim, é fazer com que o estudante consiga e possa entender que é possível estudar e estudar além da escola, fora dela, e sem professor. É fazer com que ele consiga ver tudo o que de fato sabe fazer e que faz, mas não tinha em conta que sabia fazer. Fazer ver ao estudante que pode ser tolerante consigo mesmo e ao mesmo tempo lutar por uma escola como lugar mais humano e acolhedor, inclusive para pessoas do seu convívio familiar, como filhos, por exemplo.

### **Situações de Ensino e Aprendizagem de Conteúdo**

O ensino e a aprendizagem de conteúdo pode ser motivo de evasão escolar e desmotivação para os estudos. Procuo centrar os processos de ensino e aprendizagem a partir do conhecimento que cada estudante já domina e traz para a vida escolar. Ao sentir que o conteúdo de língua portuguesa pode ser um instrumento que agrega poder e diretamente utilizado para melhorar o seu modo de falar e escrever, sua motivação para aprender será ampliada. No caso da produção textual, é a partir da forma de escrever de cada aluno que faço as atividades que estimulam a escrita na forma padrão da língua portuguesa e na ampliação de ideias, por exemplo. É nesta aproximação, o conhecimento do que o aluno já sabe, e a aprendizagem que procura na escola, que encontro uma das razões para manter o estudante focado.

A oportunidade para escrever e falar sobre o que pensa é um outro recurso que cativa o estudante a participar das aulas. Quando percebe que as ideias que apresenta recebem apoio e ao mesmo tempo são contestadas, criam afinidades e percebe que outros também pensam como ele, parece que surge uma alegria em querer estar ali e aprender mais.

### **Autoria: A arte nas aulas e o prazer de dizer “Sou eu que faço”**

O uso das artes na alfabetização e nas aulas para jovens e adultos é altamente motivador e incentivador. Pois a arte envolve alegria, envolve oportunidades de expressão, a arte envolve movimentos, a arte envolve cores, a arte envolve sons, a



arte envolve surpresas e, especialmente, envolve formas singulares de expressar sentimentos. Não importa a idade, mas é muito recompensador, tanto para o estudante como para o professor, quando após um estudante recitar uma poesia, pintar ou desenhar uma imagem, compor um pequeno haicai ou um soneto, compor uma pequena melodia no violão ou em algum outro instrumento, gravar um pequeno vídeo ou tirar um conjunto de fotos e após dançar, com lágrimas nos olhos, diz a seguinte fala: fui eu quem fiz!!!! Ou então: eu sei fazer... eu aprendi...

Não é tão difícil assim ensinar com arte, talvez o professor não precise dominar a habilidade artística, melhor se dominar, mas o mais importante é incentivar que o aluno expresse àquela que domina e tenha uma oportunidade para mostrá-la para os colegas da sala ou para a escola. Após o evento artístico, de assistir ou de apresentar suas habilidades artísticas, quem não quer escrever ou falar sobre como se sentiu? Lembro que alfabetizar significa se manifestar na língua em uso, mostrar a sua visão de mundo para o outro, expressar seus sentimentos e emoções, estabelecer processos de interlocução, oralmente e ou por escrito.

### **Discutir e debater para interpretar e desfazer mitos**

Inicialmente gostaria de dizer de que, como professor da EJA, sinto a necessidade de desmistificar, ou destruir mitos, ou convencer grande parte dos alunos adultos de que os mitos, os ditados populares e o senso comum são antes de tudo, instrumentos da cultura de submissão, de desapoderamento e da desesperança.

Acreditar nestes ditados e expressões populares é uma imposição, um condicionamento provocado por pessoas sem escrúpulos e que querem que os adultos fiquem trabalhando de forma submissa para que possam obter ganhos vultuosos sobre o trabalho das mesmas. Deixam a pessoas sem forças para reclamar a autoria de uma descoberta ou invenção.

A exploração de pessoas e a falta de sonhos nos remete a proposta de alfabetização de Angicos, que é uma gotinha de orvalho, de esperança, no meio da imensidão de exploração a que pessoas humildes e honestas são submetidas diariamente, ainda hoje. As recentes manifestações diante dos resultados das eleições presidenciais brasileiras demonstram que o preconceito social ainda está muito presente em nosso meio.



O povo brasileiro já sofreu vários golpes no decorrer da sua história. Ações que impediram que propostas como as de Angicos pudessem ter seguimento e pesquisas como as de Paulo Freire fossem abortadas e classificadas de "comunistas", "subversivas" ou dinheiro jogado fora, como diziam alguns empresários e políticos.

Iniciativas como o Pronatec, as cotas de acesso às universidades públicas, a oportunidade para adultos por meio da prova do ENEM, o novo Sistema Nacional de Educação, o Plano Nacional de Educação, a destinação de mais recursos para a educação através dos royalties do petróleo, o piso salarial dos professores, a federalização da educação, a descentralização das universidades federais e a ampliação dos locais com sedes dos Institutos Federais de Educação, embora tímidas, sofrem pressões e críticas das mesmas forças que outrora abortaram iniciativas como as de Angicos e de Paulo Freire. Afinal, será que novamente, daqui a vinte ou trinta anos, queremos ver nos filmes iniciativas que ficaram apenas nas iniciativas?

Entre os mitos a mostrar é de que as notícias veiculadas na imprensa não são verdades, e sim nelas existe um posicionamento político, existe uma intenção. Entre os exemplos que gosto de questionar é de que os escândalos da Petrobrás começaram a se tornar públicos logo depois da aprovação de lei que destina os recursos do pré-sal e dos royalties do petróleo para a educação e saúde. Será uma mera coincidência? Levanto esta questão pois as denúncias contra os diretores da Petrobras não são novidades de agora, já aconteciam em 1996, e foram denunciadas pelo jornalista Paulo Francis.

Fundamento esta minha forma de pensar ao comparar e analisar o resultado da votação da lei que destinava 100% dos recursos para a Educação e Saúde, conforme publicado no link <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/11/quem-votou-contrapetroleo-educacao.html> com quem está politizando a corrupção da Petrobrás ao invés de tentar apenas investigar e punir os corruptos.

Desconstruir estes entre outros mitos é tarefa do professor da EJA e isso ajuda a fazer com que, ao sentir aumentar o seu poder de interpretação. O estudante da EJA e PROEJA sinta aumentar sua autoestima e perceba que pode fazer a diferença na vida das pessoas.

**Idade, sexo, raça, origem e etnias como limite para aprender e ensinar**



Enquanto que com dizeres do senso comum tentam a todo custo desacreditar as pessoas de que elas podem aprender, Içame Tiba nos ajuda a derrubar outro mito: o de que o Jovem, o adulto ou a pessoa de mais idade não aprende ou aprende menos ou mais devagar. Vale a pena ler a reportagem "Burro velho não aprende" publicada no link <http://educacao.uol.com.br/colunas/icami-tiba/2011/03/15/burro-velho-nao-aprende.htm>. Eu, você que está lendo este relato, colegas professores somos a prova viva de que é possível aprender em qualquer idade.

Penso que o nosso papel como professores da EJA/PROEJA também está e, acima de tudo, deve estar na formação de uma pessoa consciente e crítica, uma pessoa que sabe onde buscar e exigir os seus direitos, que também sabe de suas responsabilidades e deveres, mas acima de tudo, conhece claramente a diferença entre um direito, e os "favores" que são oferecidos como forma de manter a submissão, a falta de autoestima, provocando sentimento de insegurança e fragilidade nas pessoas.

Esta aproximação só é possível por meio do diálogo. Fazer sentir de que o ser humano apresenta um potencial e para o qual não existe limite de idade ou muito menos limites causados pela classe social, étnica, sexual, raça ou origem. Pois só assim é possível entender e formar pessoas para a cidadania e para o trabalho, tanto como empregado, como profissional autônomo ou liberal ou como empresário ou outra categoria profissional.

### **A presença do poder público**

Nesta aula, é possível questionar e debater como funciona o poder público na comunidade em que cada cidadão vive. Linguagem formal e informal pode ser uma das propostas de conteúdo. A presença de forma prestativa e eficiente do poder público em cada espaço social e político é necessária, pois, do contrário, poderes paralelos, como o do crime organizado, de empresas, de grupos políticos, de grupos da imprensa e de entidades religiosas se estabelecem e tornam o cidadão que ali reside em um verdadeiro escravo do medo e do terror.

O poder paralelo acaba dominando o cidadão a ponto de controlar horário de trabalho, cobrar taxas de segurança, fechar o comércio, suspender o funcionamento de escolas, expulsar moradores e espalhar o medo e o terror entre a população.



Só assim o cidadão terá autonomia e liberdade para estudar e construir o seu futuro. Nós professores temos o dever de mostrar e fazer com que o aluno do EJA e PROEJA sinta o valor das instituições e dos serviços públicos, mesmo diante das adversidades com as quais nos confrontamos diariamente. Este vídeo serve para ilustrar como a questão Pedagógica: <https://www.youtube.com/watch?v=bbv7tNf31HQ> pode ser explorada e identificada.

### **A flexibilidade para os cursos EJA e PROEJA**

O debate sobre a flexibilidade de disponibilidade dos cursos do EJA e PROEJA pode ser apresentado nas aulas como forma de conscientizar os alunos quanto ao sistema do qual participam. É possível abordar o conteúdo texto dissertativo ou a produção de um texto coletivo após o debate, com a escrita de um documento endereçado a um órgão competente, a políticos, ou à secretaria da escola, propondo mais horários, evitando a evasão e ou necessidade de faltar às aulas, por exemplo. A seguir um guia para encaminhar a discussão.

Acredito que a efetividade da EJA/PROEJA depende de uma política educacional consistente e contínua, oferecimento de vagas regulares e com qualidade de aprendizagem que possibilitem ao estudante desenvolver o poder de acessar de forma autônomo o mercado de trabalho.

Portanto, ao professor da EJA/PROEJA também deve ser oferecido um plano de carreira para que possa se especializar na área e pesquisar novas formas de ensinar, de aprender e de atender alunos da EJA/PROEJA. E ao aluno, os cursos de EJA/PROEJA devem ter regularidade, continuidade e serem oferecidos nos três turnos, possibilitando ajustes também quanto ao horário de trabalho do estudante.

### **O mito de ensinar gramática: O sentido das palavras nas orações e frases.**

O desafio é: de que forma falar ou escrever o modo de se dirigir a um interlocutor para que este se sinta sensibilizado e aumente a possibilidade para que o conflito possa ser resolvido? Como valorizar o interlocutor, como valorizar o problema, como valorizar a solução possível para o conflito e assim por diante. Falando de forma mais simples: quando quero valorizar o interlocutor, a frase ou oração pode começar com o sujeito, de preferência o nome do interlocutor a quem me dirijo. Agora quando



pretendo valorizar uma ação ou ordem, então a primeira palavra da oração poderá ser um verbo e caso não goste da pessoa com quem estou mantendo o processo de interlocução, utilizo o verbo no modo imperativo. Sente a diferença?

### **Contextualizando a pesquisa**

A pesquisa envolveu 60 alunos, dos quais 45 pessoas entregaram o questionário respondido, sendo que 40 pessoas responderam a todas as questões enquanto que 5 pessoas deixaram de responder duas ou mais questões. Aplicada em março de 2015 à pessoas jovens e adultas matriculadas no primeiro e segundo ano do curso “PROEJA FIC AGROINDÚSTRIA ENSINO MÉDIO” e do “CURSO TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO”, ministrados no campus de Camboriú, SC do Instituto Federal Catarinense – IFC.

### **Analisando o resultado da pesquisa**

Como este questionário foi direcionado às aulas de língua portuguesa, as respostas podem ter sido pensadas considerando esta influência. Por outro lado, as respostas podem ter validade para outras disciplinas também.

Questionados sobre a necessidade da presença de um professor presencial em contraposição à educação à distância, 26 das 43 pessoas que responderam disseram que não saberiam estudar por livre iniciativa ou sem a presença do professor. Esta informação é reforçada quando a comparamos com a preferência sobre o método de avaliação em que 19 e 15 pessoas também optaram pela “Avaliação continuada, com texto escrito, onde posso escrever como eu consigo entender o conteúdo estudado” e “Avaliação continuada, com texto escrito, onde posso descrever com exemplos de como resolvo uma situação-problema com o assunto que estudei.”, respectivamente. Estas respostas identificam que os alunos sentem mais segurança quando existe a presença de um professor, o que gera, numa visão simples, a necessidade de aproximação do professor com os alunos.

Esta inferência também é possível fazer com as respostas que apresentaram quando perguntados sobre “Como você aprende de forma mais fácil?”. As preferências escolhidas reforçam a necessidade da presença do professor, onde 19 alunos



escolheram “Quando o professor me atende individualmente” e “Quando eu pergunto para o professor” obteve 10 respostas.

Quando a proposta está diretamente ligada ao ensino e aprendizagem de língua portuguesa a necessidade da aproximação entre professor e aluno fica mais acentuada conforme demonstram as escolhas em relação à questão “Como você se sente ao participar e expressar a sua opinião durante as aulas de língua portuguesa?” onde 28 pessoas demonstraram que se sentem mais confiantes “quando podem participar ativamente” e 21 pessoas optaram que a confiança aumenta quando “O professor valoriza o meu conhecimento”.

Embora esta pesquisa tenha uma abrangência limitada, por ter inquirido alunos de uma só instituição, residentes em duas cidades vizinhas e de apenas dois cursos, seus resultados demonstram que neste contexto é muito alta a necessidade de aproximação entre o professor de língua portuguesa de seus alunos para que possa acontecer a aprendizagem. Sabe-se também que existem inúmeros outros fatores que interferem na aprendizagem e precisariam ser considerados. A pesquisa também inclui questões sobre o uso de tecnologias para estudo exposta na conclusão desta pesquisa.

### **Conclusões e fatos reais que geram desafios**

As práticas e eventos de aproximação relatadas são fruto de observações empíricas na atividade de professor de língua portuguesa para alunos do CEJA e Proeja, em turmas do CEJA de 2012, Pronatec de 2014 e Proeja de 2015. Nestas aulas tecnologias digitais foram incorporadas como experiência para a aprendizagem, especialmente o telefone celular, porque todos os alunos tinhamo seu.

Entre as atividades do ensino e aprendizagem de língua portuguesa por telefone celular foi criada a interação com uma Wiki para as aulas de leitura, os alunos trocavam mensagens via celular fazendo perguntas e ou auxiliando nas explicações dos conteúdos ou ainda sugerindo links para leituras sobre temas discutidos durante as aulas. Quando um aluno procurava auxiliar outro na solução de uma situação-problema na vida particular ou social, exercitamos utilizar o texto dissertativo-argumentativo em miniatura, como forma de incorporar a escrita coerente e argumentada aos equipamentos disponíveis e até tentamos quebrar o mito de que na internet podemos escrever de qualquer jeito. Foi possível identificar conflitos gerados por mensagens com



sentidos ambíguos ou escritos sem coerência e pensamentos com frases incompletas. Portanto o auxílio das tecnologias da comunicação e digitais valorizam a aproximação de professor com os alunos, podem influenciar na qualidade da aprendizagem e amenizar os efeitos das dificuldades dos alunos jovens e adultos.

A viabilidade do uso das tecnologias tem argumentos a favor quando, na pesquisa acima descrita, identificou-se que apenas 8 alunos, de um total de 40 pessoas, 20% dos que responderam ao questionário, não tem acesso a tecnologias da comunicação ou a equipamentos digitais ou ainda não os utilizam para estudar, ou não quiseram identificar o motivo para não o fazer. A pesquisa também indica de que todos os alunos entrevistados utilizavam no dia-a-dia o telefone celular.

Diante desta estatística, mesmo limitada, recomenda-se que entre investir fortunas na compra de equipamentos em massa e na sua dação para os alunos, as instituições públicas e privadas poderiam investir em ensinar os alunos a fazerem uso do equipamento com o qual estão familiarizados, na formação e capacitação dos professores a fim de provocar aprendizagem mediada com acesso às tecnologias da comunicação e digitais, dentro e fora do ambiente escolar. Com isso se evitaria o sucateamento de conexões com a internet e dos equipamentos de informática que alocam salas imensas e em pouco tempo ficam obsoletos.

Portanto, a aproximação do professor de língua portuguesa de seus alunos é uma das atitudes que pode ampliar a permanência dos alunos nos cursos EJA e PROEJA, aliada à flexibilização da disponibilização de horários alternativos, às condições de acesso à unidade escolar, à otimização do uso das tecnologias de comunicação em poder do próprio aluno e da valorização do conhecimento que o aluno já domina ao iniciar o curso

### **Leituras e reflexões que oferecem suporte a esta tendência de pesquisa**

FORTKAMP, Mailce Borges Mota. TOMITCH, Lêda Maria Braga. (Orgs). Aspectos da lingüística Aplicada. Estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Editora Insular. Florianópolis. 2008

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. 12ª ed. Rio de Janeiro. 1999.



FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2011.

GERALDI, João Wanderley. Portos de passagem. 5ª ed. wmfmartinsfontes. São Paulo. 2013.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os Significados do Letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Mercado de Letras. 2ª ed. 2012.

ORLANDI, ENI P. Análise De Discurso. Princípios & Procedimentos. Ed. Pontes. 7ª Ed. Campinas, SP. 2007.

PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar. Histórias de submissão e rebeldia. 1ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor. 1996.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre Ignorante. Cinco lições sobre emancipação intelectual. Tradução: Lilian do Valle. Ed. Autêntica. 2ª ed. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: 2007.

RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. Implicações metodológicas do processo de formação do leitor e do produtor de textos na escola. Publicado na Revista Educação em Revista nº 47 de Junho de 2008. Acessado em 08/11/2011 através do site< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982008000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100004)>. Belo Horizonte. 2008.

ROJO, Roxane. Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social. ABDR Editora Afiliada. Parábola. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo. 2011.

SILVA, Jamile Delagnelo Fagundes da. Mediador na educação de Jovens e Adultos: prática docente no PROEJA do Instituto Federal Catarinense. Artigo publicado na página <http://www.educasul.com.br/2011/anais/formacao/Jamile%20Delagnelo%20Fagundes%20da%20Silva.pdf> e acessado em 07/06/2015.

SILVA, Maria Aparecida Lima. Permanência e pós-permanência no ensino superior: um estudo sobre a vida universitária através do Programa Conexão de Saberes. Salvador, 2013.

SOARES, Luis. Saiba quem votou contra os lucros do petróleo para a Educação. Reportagem publicada no caderno Educação do Pragmatismo Político em 07 de Novembro de 2012, no link <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/11/quem-votou-contrapetroleo-educacao.html> e acessado em 05 de Abril de 2015.

TIBA, Içami. Burro velho não aprende? Publicado no caderno Uol Educação em 15/03/2011 disponível no link <http://educacao.uol.com.br/colunas/icami-tiba/2011/03/15/burro-velho-nao-aprende.htm> e acessado em 05 de Abril 2015.